

CRÍTICA REVOLUCIONÁRIA

Revolutionary Criticism

Crit Revolucionária, 2023;3:e013

Artigo original

https://doi.org/10.14295/2764-4979-RC_CR.2023.v3.78

RUMO A OUTRA PSICOLOGIA DO FASCISMO: A FASCISTIZAÇÃO COMO PRODUÇÃO DA NORMOPATIA

David PAVÓN-CUÉLLAR¹ 

¹ Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Facultad de Psicología, Núcleo Académico Básico de la Maestría en Psicoanálisis y del Doctorado en Estudios Psicosociales. Morelia, Michoacán, México.

Autor de correspondência: David Pavón-Cuellar david.pavon@umich.mx

Recebido: 18 nov 2023

Revisado: 27 nov 2023

Aprovado: 10 jan 2024

https://doi.org/10.14295/2764-49792-RC_CR.2023.v3.78

Copyright: Artigo de acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC), que permite copiar e redistribuir, remixar, transformar e criar a partir do trabalho, desde que sem fins comerciais. Obrigatória a atribuição do devido crédito.



Resumo

Este artigo traça uma proposta crítica de abordagem psicológica dos movimentos de extrema direita, particularmente o fascismo e o neofascismo, para elucidar a sua origem no processo de fascistização concebido como a produção da normopatia. Depois de questionarmos os trabalhos que procuram psicopatologizar líderes e grupos de extrema-direita apresentando-os como anormais, argumentamos a favor do reconhecimento do seu carácter cada vez mais normal, explicando-o pelo facto conjuntural da direitização e pelo fator estrutural da banalidade do mal. Mostra-se como esta normalização e normalidade da patologia acarreta uma patologia da normalidade cuja versão antissocial ou psicopática é descrita como normopática e está associada ao sistema socioeconómico do capitalismo e às suas derivas políticas fascistas e neofascistas. A normopatía, ilustrada pelo nazismo alemão e a sua continuação através de uma certa forma extrema de sionismo israelita, é definida como um problema de normatividade que é político, não psicológico, e que não deve, portanto, ser psicologizado e despolitizado.

Descritores Psicologia do fascismo; Extrema direita; Fascistização; Normalidade; Normopatía.

<p>HACIA OTRA PSICOLOGÍA DEL FASCISMO: FASCISTIZACIÓN COMO PRODUCCIÓN DE NORMOPATÍA</p> <p>Resumen: El presente artículo esboza una propuesta crítica de acercamiento psicológico al fascismo y al neofascismo para elucidar su origen en una fascistización concebida como producción de normopatía. Después de cuestionarse trabajos en los que se psicopatologiza a líderes y grupos ultraderechistas al presentarlos como anormales, se argumenta a favor del reconocimiento de su carácter cada vez más normal, explicándolo por el hecho coyuntural de la derechización y por el factor estructural de la banalidad del mal. Se muestra cómo esta normalización de la patología entraña una patología de la normalidad cuya versión psicopática se describe como normopática y se asocia con el capitalismo y con sus derivas políticas fascistas y neofascistas. La normopatía, ilustrada con el nazismo alemán y con su continuación a través de cierto sionismo israelí, se define como un problema de normatividad que es político, no psicológico, y que no debe por ello psicologizarse y así despolitizarse.</p> <p>Descriptor: Psicología del fascismo; Ultraderecha; Fascistización; Normalidad; Normopatía.</p>	<p>TOWARDS ANOTHER PSYCHOLOGY OF FASCISM: FASCISTIZATION AS A PRODUCTION OF NORMOPATHY</p> <p>Abstract: This article outlines a critical proposal for a psychological approach to far-right movements, particularly fascism and neo-fascism, to elucidate their origin in the process of fascisation conceived as the production of normopathy. After questioning the works that seek to psychopathologize far-right leaders and groups by presenting them as abnormal, we argue in favour of the recognition of their increasingly normal character, explaining it by the conjunctural fact of rightisation and by the structural factor of the banality of evil. It is shown how this normalization and normality of pathology entails a pathology of normality whose antisocial or psychopathic version is described as normopathic and is associated with the socioeconomic system of capitalism and its fascist and neo-fascist political drifts. Normopathy, illustrated by German Nazism and its continuation through a certain extreme form of Israeli Zionism, is defined as a problem of normativity that is political, not psychological, and that should not therefore be psychologized and thus depoliticized.</p> <p>Descriptors: Psychology of fascism; Extreme right; Fascisation; Normality; Normopathy.</p>
--	--

INTRODUÇÃO

O líder de extrema direita argentino, Javier Milei, mostrou possíveis sinais de insanidade em um programa de televisão. Imediatamente, na mídia e nas redes sociais, seus compatriotas correram para diagnosticá-lo com psicose, paranoia e esquizofrenia. Seus problemas de saúde mental eram óbvios para seus oponentes e corroboravam a convicção de muitos deles de que a extrema direita é uma forma de distúrbio, de psicopatologia.

A psicopatologização da extrema direita é generalizada e bastante compreensível: como podemos deixar de entender aqueles que psicopatologizam fenômenos aparentemente irracionais como o racismo, o ultranacionalismo, a xenofobia, o supremacismo, a conspiração, o sexismo e a

homofobia? Psicopatologizar tudo isso é um meio rápido, simples e infalível de invalidá-lo, acentuando e explicando sua irracionalidade, explicando-o como uma patologia da razão resultante de uma patologia mental.

O problema é que a psicopatologização nos permite invalidar pelo simples fato de invalidar, sem argumentar, sem apresentar boas razões para invalidar. É assim que podemos nos livrar do que parece irracional simplesmente porque é algo com o qual não concordamos, que não entendemos ou toleramos, que nos irrita ou angustia. Se não estivermos preparados para ouvir uma determinada verdade, o que nos impede de rotular de loucos aqueles que a dizem? Também podemos considerar todos os nossos oponentes políticos como loucos, assim como eles também têm o direito de nos considerar insanos.

De fato, a psicopatologização foi usada mais de uma vez pela ultradireita para desqualificar a esquerda. Já nas décadas de 1930 e 1940, o psiquiatra franquista espanhol Antonio Vallejo Nájera descreveu o quadro psicopatológico do marxismo, diagnosticou-o e tratou-o com o objetivo de curá-lo.¹ Hoje, o ultradireitista chileno Axel Kaiser continua a conceber o marxismo como um distúrbio mental.²

Se a extrema direita nos psicopatologiza, por que não teríamos o direito de fazê-lo? Por que nos proibir novamente de fazer o que os fascistas e neofascistas fazem? Não lhes damos vantagem sobre nós ao impor limites que eles nunca nos impõem?

No caso específico em questão, psicopatologizar a extrema-direita serviria pelo menos para levantar a possibilidade concreta de que eles próprios possam estar sofrendo da incapacidade mental que atribuem a todos os outros. A psicopatologização da extrema direita também pode nos dar um pouco de paz de espírito. Ficaríamos mais tranquilos, de fato, ao concluir que ocorrências como as fascistas e neofascistas são delírios, que não devemos levá-las a sério nem tentar provar sua falsidade, que é suficiente descartá-las como qualquer outro delírio, sem nos preocuparmos muito com elas, porque, de qualquer forma, como qualquer psicopatologia, são esquisitices, irregularidades, exceções à norma, casos anormais que é suficiente tratar e curar, incorporando-os à normalidade.

O deslizamento para a dicotomia normal/anormal é característico das abordagens modernas da dualidade saudável/patológico. Ao representar a psicopatologia para nós como uma anormalidade, a psicopatologização da extrema direita se torna um tipo de *anormalização*. Essa anormalidade aumenta o apelo de uma psicopatologização que não serve mais apenas para

desqualificar o fascismo e o neofascismo como formas de loucura, mas para desconsiderá-los como fenômenos excepcionais, raros e minoritários.

NORMALIDADE DA ULTRADIREITA

Entretanto, mesmo que a psicopatologização de uma extrema direita concebida como anormal possa nos tranquilizar, o fato é que ela não corresponde à realidade histórica. De fato, a história nos mostra que as massas fascistas ou neofascistas e seus líderes **não** foram exatamente anormais. Pelo contrário, eles geralmente foram normais, até mesmo normais demais, não sofrendo de nenhuma doença mental identificada como tal em seu contexto. Mesmo o caso mais obviamente singular e especulativo, o de Adolf Hitler, não tem uma patologia claramente identificável sobre a qual haja consenso entre os vários diagnósticos.

Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, Edmund Forster e Karl Wilmann teriam diagnosticado Hitler com histéria³. Esse diagnóstico foi também reconhecido pela equipe liderada por Walter C. Langer em 1943.⁴ No mesmo ano, Henry Murray considerou que o Führer tinha todos os sintomas de esquizofrenia paranoide, como hipersensibilidade, ataques de pânico, ciúme irracional, delírios de perseguição e grandeza, fantasias de onipotência e crença em uma missão messiânica.⁵ Esses sintomas levaram muitos outros a aceitar que Hitler sofria de esquizofrenia paranoide. Esses sintomas levaram muitos outros a aceitar o mesmo diagnóstico, inclusive Edleff Schwaab, em 1992.⁶ Outros autores, desde Gustav Bychowski, em 1948⁷, até Frederic L. Coolidge, Felicia L. Davis e Daniel L. Segal, em 2007,⁸ acreditaram que Hitler era um caso de psicopatia ou transtorno de personalidade antissocial ou narcisista. Além desses, o líder nazista também foi diagnosticado com outras patologias, como transtorno de personalidade limítrofe, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno esquizotípico, lateralização anormal do cérebro, transtorno bipolar e até mesmo síndrome de Asperger.

Não é preciso dizer que o número esmagador de categorias nosológicas diferentes e contraditórias atribuídas a Hitler não confirma sua patologia, mas sim a imperfeição, a imprecisão e o abuso de psiquiatras e psicólogos que só conseguiram refutar e, portanto, se entregar uns aos outros em seus diagnósticos do caso. Esses diagnósticos são, de fato, mutuamente exclusivos. Portanto, confiar neles nos obriga a desconfiar deles. Esse é frequentemente o caso de especialidades científicas ou pseudocientíficas imprecisas como a psicologia e a psiquiatria.

Enquanto o distúrbio de Hitler não for comprovado, devemos aceitá-lo como um sujeito normal. A fortiori, temos de admitir a normalidade de outros líderes análogos tão comuns, tão convencionais, como Benito Mussolini ou Francisco Franco no passado e Donald Trump ou Jair Bolsonaro no presente. Não importa que esses líderes já tenham recebido múltiplos diagnósticos, como bipolaridade para Mussolini, personalidade dividida para Franco, transtorno de personalidade narcisista para Trump e transtorno de personalidade paranoide para Bolsonaro. Sem dúvida, esses rótulos são sugestivos e capturam aspectos característicos de cada caso, mas cada caso tem outros aspectos capturados por outros rótulos, enquanto todos os rótulos poderiam ser combinados de diferentes maneiras para caracterizar muitas pessoas comuns ao nosso redor.

Os diagnósticos dos grandes líderes da extrema direita são muitas vezes caprichosos, arbitrários e infundados. Esses diagnósticos não parecem revelar nada que já não saibamos, exceto, talvez, nosso medo de reconhecer a evidência arrepiante de que Mussolini, Franco, Trump e Bolsonaro não foram exatamente monstros enlouquecidos, loucos furiosos que poderíamos ter internado em hospitais psiquiátricos. Em vez disso, eles foram seres terrivelmente normais, comuns, cinzentos, talvez até medíocres, certamente não diferentes de qualquer um de nós, no máximo tão anormais quanto qualquer um dos seres ao nosso redor que julgamos normais.

Se os líderes da extrema direita tendem a ser bastante normais, aqueles que os seguem tendem a ser ainda mais normais e, portanto, podem constituir grandes multidões como as que levaram Mussolini, Franco, Trump e Bolsonaro ao poder. Fascistas, nazistas e falangistas, assim como os neonazistas e neofascistas de hoje, compõem grande parte da população mundial, às vezes até se tornando majorias que vencem eleições. Nesse caso, eles constituem a norma e a normalidade, o centro da distribuição normal, o que é desconcertante e preocupante, pois a extrema direita, justamente por ser extrema, não deveria estar no centro, no topo do sino gaussiano.

OS DIREITISTAS E A BANALIDADE DO MAL

Há uma espécie de normalização da extrema direita. Essa normalização parece revelar tanto um fato conjuntural quanto um fenômeno estrutural. O fato histórico conjuntural é a progressiva ala direita que alguns confundem com polarização.⁹ A verdade é que, desde a década de 1980, a extrema direita é a única opção polarizadora, o único polo que está se fortalecendo e se afastando do centro, tornando-se cada vez mais extremista e atraente, enquanto a esquerda radical tende a se enfraquecer, moderar e se concentrar, com o comunismo de hoje aspirando ao que antes aspiravam

os socialistas e os populistas de esquerda, que, hoje, dificilmente coincidem com os centristas de ontem.

Além da direita como fato conjuntural, temos o fato estrutural que Hannah Arendt descreveu com a famosa fórmula da **banalidade do mal**, referindo-se ao mal do nazismo, ao que está subjacente a ele e à ultradireita em geral.¹⁰ Esse mal é o banal, o mais frequente, o normal, estando, portanto, no topo do sino gaussiano. O topo, portanto, não é o que tendemos a acreditar, não é a mediocridade moral que fica entre o bem e o mal, mas o mal que fica talvez entre o pior e o medíocre. Portanto, não podemos falar de uma banalidade do bem como falamos de uma banalidade do mal.

Insistamos que estruturalmente, estruturalmente e não apenas conjunturalmente, o banal ou normal não é o bem, mas o mal de que fala Arendt. É o mal que subjaz ao nazismo e ao neonazismo, ao fascismo e ao neofascismo, o fascismo, portanto, eterno como em Umberto Eco, eterno porque estrutural e não apenas histórico, mas também eternamente dominante porque estruturalmente normal, banal, comum.¹¹ Essa visão antropológica pessimista não parece ser confirmada por experimentos famosos como os de Stanley Milgram¹² e Philip Zimbardo?¹³

NORMALIDADE DA PATOLOGIA

Milgram e Zimbardo parecem demonstrar experimentalmente a banalidade do mal. O que eles nos mostram, eliminando o elemento valorativo, é a normalidade da patologia, ou seja, o caráter frequente e habitual do que geralmente é considerado patológico.

A patologia deve ser entendida aqui no sentido etimológico do termo, o que está relacionado ao sofrimento, ao que se sofre. É o significado exato do grego *pathos*, que também dá origem ao conceito de **paixão**, como nas paixões da alma de Descartes.¹⁴ As paixões podem ser concebidas como a origem da patologia, distinguindo-se das emoções atuais da psicologia justamente por consistirem em algo que só é sofrido pelo sujeito, não sendo sua fonte, seu agente ou seu criador. O sujeito é, então, vítima de suas paixões que o adoecem, que o perturbam, que o alienam, mergulhando-o em uma patologia que, de repente, nos é revelada como normal.

Há, então, um elemento de normalidade nas paixões que estão associadas a distúrbios como os transtornos psicopáticos e antissociais. Esses distúrbios são considerados raros, infrequentes, mas na realidade podem ser encontrados em grandes camadas da população, como sabemos por Milgram e Zimbardo. O que esses psicólogos sociais nos ensinaram é a normalidade de uma

patologia como a do nazismo e do sionismo de extrema direita de hoje, ou seja, o caráter normal de paixões destrutivas e mortais que não são exclusivas dos poucos psicopatas e sociopatas corretamente diagnosticados como tais.

Milgram e Zimbardo nos mostram a normalidade das paixões como algumas daquelas que Robert Paxton¹⁵⁽⁴¹⁾ descreveu como as “paixões mobilizadoras” do fascismo, particularmente a exaltação apaixonada da violência ou a convicção igualmente apaixonada do direito de dominar os outros sem a restrição de qualquer lei humana ou divina.¹⁵ Essas paixões devastadoras não apenas animam psicopatas isolados, indivíduos antissociais, mas mobilizam grandes massas, exércitos e governos, como vimos na Alemanha e como estamos vendo agora em Israel. Netanyahu e Hitler, assim como Bolsonaro e Mussolini, são apenas expressões individuais de patologias normais, conforme demonstrado por Milgram e Zimbardo.

PATOLOGIA DA NORMALIDADE

Ao demonstrar a normalidade da patologia, Milgram e Zimbardo estão evidenciando, quase que imperceptivelmente, algo muito mais grave e preocupante, que é o que Erich Fromm¹⁶ descreveu com a expressão “patologia da normalidade”, entendendo-a, segundo seus próprios termos, como a “patologia” da “sociedade ocidental contemporânea”⁽¹³⁾, uma “sociedade doentia”, uma sociedade carente de “equilíbrio mental”.¹⁶⁽⁶⁶⁾ Vemos que Fromm enfatiza mais o aspecto histórico do que o estrutural, mas, de qualquer forma, sua patologia da normalidade corresponde a um fenômeno mais sério, mais fundamental e determinante do que uma simples normalidade da patologia. Não se trata apenas do fato de que a patologia pode ser normal, mas que a normalidade pode ser patológica. Em outras palavras, é possível não apenas ser normal e, ao mesmo tempo, ser perturbado ou desestabilizado, mas ser perturbado ou desestabilizado precisamente porque se é normal.

Existe a possibilidade, então, de que seja a normalidade que nos perturba, que nos desequilibra, que nos leva à loucura. Nesse caso, para estar doente, basta ser normal, já que ser normal é uma forma de estar doente. De modo correlato, para não estar doente, para ser saudável, seria preciso ser anormal, pois o patológico se torna normal em um determinado lugar e em um determinado momento da história.

Quando a patologia histórica da normalidade assume um tom claramente psicopático ou antissocial, podemos então designá-la com o eloquente termo **normopatía**, que foi usado

sucessivamente por Joseba Atxotegui no País Basco em 1982,¹⁷ por Enrique Guinsberg no México em 1994¹⁸ e por Christophe Dejours¹⁹ na França em 1998. O termo já havia sido proposto por Joyce McDougall em 1978, mas sem dar a ele o significado sociopolítico preciso que adquiriu com Atxotegui, Guinsberg e Dejours. É esse o sentido que nos interessa e que nos permite usá-lo para nomear não apenas uma banalidade do mal, como Arendt encontra no nazista Adolf Eichmann, mas o mal da banalidade, ou seja, o fato de que o banal pode ser mau.

A normopatia designa uma psicopatia ou um mal radical inerente a uma certa normalidade histórica. Essa normalidade psicopática é a nossa, a de nosso lugar e momento na história, a mesma para Atxotegui e para Guinsberg e Dejours. Para os dois últimos, é a normalidade psicopática do capitalismo em sua fase neoliberal tardia, na qual vemos surgir os atuais desvios neofascistas. Da mesma forma, para Atxotegui, a normalidade histórica psicopática é aquela que se revela na brutalidade sionista de Israel, com a qual a brutalidade nazista da Alemanha do Terceiro Reich retorna.

Tanto Atxotegui quanto Guinsberg e Dejours situam a normopatia em seu presente, que ainda é o nosso. Atxotegui também tem o mérito de explicar a normopatia do presente pela do passado. Sua explicação é baseada no testemunho do psicanalista judeu Bruno Bettelheim²⁰ sobre sua experiência nos campos de concentração de Dachau e Buchenwald.

NORMOPATIA SIONISTA

Bettelheim identifica um momento de total assimilação ao ambiente. Esse momento é aquele em que os prisioneiros, como diria Sándor Ferenczi, se identificaram com seus agressores. De repente, os judeus estavam se insultando uns aos outros com vocabulário antissemita, pegando peças de uniformes da SS e exibindo-as com orgulho, se enquadrando como nazistas, imitando suas poses, jogos e práticas, e adotando seus valores a ponto de torturar e matar companheiros desajustados.

É difícil resistir à ideia hipotética de que a identificação inconsciente das vítimas judias com seus agressores nazistas, conforme descrito por Bettelheim, teria começado nos campos de concentração e continuado na própria constituição do sionismo israelense atual, que, de certa forma, continuaria a desempenhar os papéis da SS e da Gestapo. Israel seria, então, constituído não apenas conscientemente com base na aspiração legítima do povo judeu por uma terra própria, mas inconscientemente com base em uma identificação com o Terceiro Reich, por meio da qual

Israel, como um Estado genocida, teria aquele tom nazista que está se tornando cada vez mais evidente. Já em 1982, Joseba Atxotegui apresentou essa hipótese ao observar como a normopatia do sionismo israelense, sua psicopatia normal hoje denunciada por uma parte significativa do povo judeu, reproduzia as mesmas práticas da normopatia do nazismo alemão.

Assim como os nazistas na Alemanha em relação aos judeus, os sionistas atuais em Israel desprezam e animalizam os palestinos, segregam-nos e exterminam-nos, liquidam suas crianças e mulheres sem piedade aos milhares, roubam-lhes suas terras e outras propriedades, confinam-nos em enormes guetos e campos de concentração, como o da Faixa de Gaza. O antissemitismo israelense branco ou branqueado dirigido contra os palestinos, os únicos verdadeiros “semitas” hoje em dia, não é muito diferente do antissemitismo alemão ariano dirigido contra os judeus. Assim como o Terceiro Reich buscava uma solução final para o problema judeu, o governo israelense também busca desesperadamente uma solução final para o problema palestino.

É claro que grupos terroristas como o Hamas já assumiram o bastão da violência, talvez reproduzindo a mesma identificação com o agressor, identificando-se inconscientemente com seus agressores sionistas como se identificariam com seus agressores nazistas. É assim que a normopatia, de acordo com Atxotegui, seria transmitida de geração em geração, preparando futuras catástrofes, holocaustos imprevisíveis como o que está acontecendo agora na Faixa de Gaza.

Hoje, os palestinos são as vítimas incontestáveis dos sionistas, assim como ontem os judeus eram as vítimas incontestáveis dos nazistas. É preciso enfatizar que muitos alemães lutaram contra o nazismo assassino, assim como muitos judeus e israelenses agora protestam contra o sionismo genocida, mas também é preciso reconhecer que, pelo menos por enquanto, os principais vitimadores ainda são os sionistas e não os terroristas muçulmanos, e que as principais e majoritárias vítimas ainda são os palestinos e não os israelenses. Negar algo tão simples e óbvio, como muitos estão negando neste momento, já é uma farsa, mas uma farsa generalizada, uma psicopatia normal, uma forma de normopatia como a daqueles que afirmaram que os arianos alemães eram vítimas dos judeus, ou pelo menos tão vítimas quanto os judeus na época do Holocausto.

UM PROBLEMA POLÍTICO, NÃO PSICOLÓGICO

Ao pensar na normopatia dos sionistas do presente ou dos nazistas do passado, a coisa mais importante a entender é que o problema fundamental não está na constituição psíquica dos sujeitos

governados pela norma, mas na norma que os governa e, portanto, os constitui psiquicamente. O problema fundamental é, portanto, normativo, relacionado à normatividade, à determinação política das normas. O problema da normopatía é político e não psicológico. Não devemos, portanto, psicologizá-lo e, assim, despolitizá-lo. Fazer isso seria proceder como Vallejo-Nájera ou Kaiser em suas tentativas grotescas de psicopatologizar os marxistas. Essa psicopatologização do adversário político não pode ser a solução, porque ela própria é parte do problema da normopatía do fascismo e do neofascismo.

Uma das características distintivas dos normopatas de extrema direita é justamente sua propensão a despolitizar o campo de batalha da política por uma variedade de meios, incluindo a psicologização e a psicopatologização. É comum que a extrema direita veja apenas um conflito entre pessoas ou modelos de humanidade, com seus respectivos perfis psicológicos, quando na realidade há uma luta histórica entre programas políticos opostos com suas implicações sociais e econômicas. Essa luta é encenada, dramatizada, maquiada e disfarçada por uma personalização e estigmatização pessoal que fazem parte do arsenal da **estetização** tipicamente fascista **da política** de que falou Walter Benjamin.²¹

A estetização fascista e neofascista pode usar a psicologização e a psicopatologização, bem como outros meios, incluindo a moralização e o que Emilio Gentile descreve como a **sacralização da política**.²² Em todos os casos, a política deixa de aparecer como tal, como o que é, e se torna ideologizada, disfarçando-se pelo próprio gesto pelo qual finge ser outra coisa, seja religião, moralidade, psicologia ou psicopatologia. Os simulacros psicológicos e psicopatológicos reduzem os interesses de classe opostos e suas manifestações políticas antagônicas a simples distinções estéticas dicotômicas entre o desenvolvido e o degenerado, entre o saudável e o doente, entre o normal e o anormal.

É também para questionar e problematizar dicotomias como normalidade-anormalidade ou saúde-doença que precisamos de conceitos como o de normopatía. Esse conceito deve nos permitir ir além da aparência estética da psicologia e da psicopatologia, da normalidade e da anormalidade como estados psicológicos, para investigar como elas derivam de um processo político de normalização que pode produzir o fascismo e o neofascismo, implicando, assim, a fascistização, quando consiste na normalização de uma determinada psicopatía, na banalização de um determinado mal, de males como o ultranacionalismo, o racismo, o machismo, o heterossexismo, a homofobia, a xenofobia ou a islamofobia, entre outros. Não é preciso dizer que a definição desses

males como tais, como expressões psicopáticas, obedece a um posicionamento político e não a uma pesquisa supostamente científica no campo psicológico e psicopatológico.

FASCISTAÇÃO

A psicologia e a psicopatologia não devem ser usadas nem para definir o quadro normopático nem para legitimar cientificamente sua definição política. O que nosso conhecimento psicológico e psicopatológico pode fazer, como psicologia crítica e psicopatologia crítica, é cumprir pelo menos duas tarefas cruciais para a explicação e compreensão da normopatía fascista e neofascista. Vamos nos deter por um momento, para concluir, em cada uma dessas tarefas.

A primeira tarefa, já parcialmente cumprida, é a elucidação do processo pelo qual uma certa patologia, uma certa psicopatía, torna-se normalizada e dá origem ao quadro normopático subjacente ao fascismo e ao neofascismo. Esse processo já é uma forma fundamental de fascistização que envolve mecanismos bem estudados na psicologia social convencional, como a normalização de Muzafer Sherif²³, a conformidade de Solomon Asch²⁴, a obediência de Stanley Milgram²⁵, o princípio da proximidade de Theodore Mead Newcomb²⁶ e a influência social inconsciente de Serge Moscovici, Bernard Personnaz e outros²⁷. Ao estudar como tais mecanismos operam em uma determinada situação histórica, devemos tentar esclarecer como eles provocam um determinado quadro normopático, influenciando amplos setores da sociedade e fazendo com que, de alguma forma, percam sua saúde mental, entendendo saúde no sentido profundo estabelecido por Georges Canguilhem como uma capacidade de dar a si mesmo suas próprias normas em benefício da vida, como uma capacidade normativa vital que é também uma capacidade política para o exercício radical da cidadania.²⁸

Como é possível que milhões de sujeitos renunciem à sua normatividade e se submetam completamente às normas que lhes são impostas, a ponto de **ficarem doentes de normalidade**? Será que a normopatía resultante talvez seja favorecida pela grande adaptabilidade e pela acentuada convencionalidade da pequena burguesia que Leon Trotsky²⁹ e outros associaram ao fascismo? A resolução dessas perguntas e de muitas outras pode se beneficiar da pesquisa psicológica.

NORMOSE E NORMOPATIA

Uma segunda tarefa da psicologia, uma tarefa ainda pendente, é a distinção entre duas experiências opostas de patologia da normalidade que são frequentemente confundidas e que podemos identificar, pelo menos provisoriamente, como os quadros normopático e normótico, retomando o termo **normose** de Christopher Bollas³⁰, mas aprofundando e ampliando seu escopo no campo social e político. Se a normopatia é uma psicopatia normalizada ou generalizada, a normose resulta da generalização ou normalização de um tipo de neurose. Assim como o neurótico sofre com sua neurose, o normótico sofre com sua normose, sendo afetado, ferido e atormentado por ela. A normose lhe causa dor e outras formas de desconforto, o angustia, o deixa inquieto, o deprime, o paralisa, o incapacita, o faz fracassar repetidamente na vida, impedindo-o de viver e desfrutar do que vive. O normótico seria claramente diferenciado do normópata que, como um psicopata, pode desfrutar de sua patologia, vivê-la para seu próprio benefício, explorá-la em seu proveito e às custas dos outros.

A normopatia pode ser ilustrada pelos racistas, sexistas e classistas da extrema direita, mas também por personagens bem-sucedidos e alegres em nossa sociedade, como funcionários públicos corruptos, políticos maquiavélicos, burocratas sádicos, empresários inescrupulosos ou capitalistas insaciáveis, entre muitos outros. Esses normópatas que desfrutam de nossa normalidade patológica não devem ser confundidos com os normóticos, aqueles que a sofrem até extremos insuspeitados, em parte para que os normópatas possam desfrutá-la. O prazer da normopatia e o sofrimento da normosis são, portanto, fenômenos correlativos.³¹

Por que alguns sujeitos estão dispostos a sofrer com a normalidade que outros desfrutam? Como os caminhos da normopatia e da normose se bifurcam? Como essa bifurcação se conecta com a divisão de classes da sociedade capitalista, com a divisão de gênero no heteropatriarcado e com as divisões culturais e raciais traçadas pelo colonialismo, neocolonialismo e colonialidade?

Os vários sistemas de opressão atribuem diferentemente papéis normopáticos e normóticos aos sujeitos, e esses papéis e as ligações entre eles são predeterminados por estruturas políticas, sociais, culturais e econômicas? Por exemplo, uma separação do tipo apartheid, como a que existe em Israel entre palestinos e israelenses, de alguma forma predispõe os primeiros à normose e os segundos à normopatia? O que deve acontecer para que haja normópatas nos setores oprimidos e normóticos nos setores opressores? Todas essas perguntas e muitas outras também podem ser investigadas pela psicologia.

CONCLUSÃO

Os psicólogos têm muito a contribuir para o estudo da extrema direita, do fascismo e do neofascismo, do nazismo e do neonazismo. O valor de nossas contribuições dependerá de nossa capacidade de desvendar algo novo sem ultrapassar um campo de estudo bem definido. Isso exigirá que consideremos a política como política, assumindo uma posição sobre ela, mas evitando cuidadosamente psicologizá-la e, portanto, despolitizá-la.

Não é necessário sair da política para justificar nossa posição política. Essa posição contém sua própria justificativa, que também é política e só pode ser política. É somente politicamente que podemos justificar até mesmo uma escolha elementar como essa, tão anticapitalista quanto antifascista, a favor da vida e contra a morte.

Ao optar pela vida e ao fazer com que essa opção oriente nossa atividade, estamos, sem dúvida, demonstrando uma saúde que pode ser concebida como tal na argumentação de Canguilhem e que pode justificar nossa escolha por ela. No entanto, além do nível psicológico, nossa principal justificativa pode ser um tanto redundante: a de optar pela saúde ao optar normativamente pela vida. Essa dupla escolha é política e só pode ser justificada politicamente contra a escolha oposta pela morte, pelo fascismo e pelo capitalismo, pelo capital que devora tudo o que é vivo para transmutá-lo em mais e mais dinheiro morto.

As opções mortais do fascismo e do capitalismo, que não podem ser refutadas por argumentos racionais ou evidências científicas, devem ser combatidas por meio da prática política militante antifascista e anticapitalista. Essa prática material é tudo o que temos contra a opção resumida no famoso slogan falangista tradicionalmente atribuído a José Millán-Astray: “Viva a morte!”³² Diante daqueles que preferem a morte, a inteligência incorporada por Miguel de Unamuno é de pouca utilidade, mas podemos lutar politicamente pela vida. Obviamente, é uma questão de vencer e não de convencer.

REFERENCIAS

1. García JJM, Viejo MF. Buscando el “gen rojo”: los experimentos interesados del doctor del doctor Vallejo-Nájera sobre los brigadistas internacionales de cardeña. 2019;(50):7-20. <https://doi.org/10.36132/hao.v2i50.1738>
2. Kaiser A. El alma marxista. Diario Financiero. 20 oct 2017 [citado 19 ene. 2024]. Disponible en: <https://www.df.cl/opinion/columnistas/axel-kaiser/el-alma-marxista>

3. Toland J. Adolf Hitler: the definitive biography. New York: Anchor; 1976.
4. Hoffman LE. American psychologists and wartime research on Germany, 1941–1945. *Am Psychol.* 1992;47(2):264-73. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.2.264>.
5. Murray HA. Analysis of the personality of Adolph Hitler: with predictions of his future behavior and suggestions for dealing with him now and after Germany's surrender [Internet]. Boston: Harvard Psychological Clinic; 1943. Disponible en: <https://reader.library.cornell.edu/docviewer/digital?id=nur01134#mode/1up>
6. Schwaab EH. Hitler's mind: a plunge into madness. Westport: Praeger; 1992.
7. Bychowski G. Dictators and disciples: from Caesar to Stalin: a psychoanalytic interpretation of history. New York: International Universities Press; 1948.
8. Coolidge FL, Davis FL, Segal DL. Understanding madmen: a SSM-IV assessment of Adolf Hitler. *Individ Differ Res.* 2007;10(10):30-43.
9. Corcuff P. La grande confusión: comment l'extrême droite gagne la bataille des idées. Paris: Textuel; 2021.
10. Arendt H. Eichmann en Jerusalén. Barcelona: Debolsillo; 2008.
11. Eco U. Contra el fascismo. Barcelona: Lumen; 2018.
12. Milgram S. Behavioral study of obedience. *J Abnorm Soc Psychol.* 1963;67(4):371-8. <https://doi.org/10.1037/h0040525>.
13. Haney C, Banks WC, Zimbardo PG. Interpersonal dynamics in a simulated prison. *Int J Criminol Penology.* 1973;1:69-97.
14. Descartes R. Les passions de l'âme. Paris: Vrin; 2010.
15. Paxton RO. The anatomy of fascism. New York; Knopf; 2004.
16. Fromm E. Psicoanálisis de la sociedad contemporánea. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica; 2011.
17. Atxotegui J. Tortura y psicoanálisis. En: Cueva J, Morales JL. Tortura y sociedad. Madrid: Revolución; 1982. p. 173-194.
18. Guinsberg Blank E. Psico(pato)logía del sujeto en el neoliberalismo. *Tramas.* 1994;6(2):21-35.
19. Dejours C. Souffrance en France: la banalisation de l'injustice sociale. Paris: Le Seuil; 1998.
20. Bettelheim B. The informed heart: autonomy in a mass age. New York: Free Press; 1960.

21. Benjamin W. La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica. Buenos Aires: Amorrortu; 2013.
22. Gentile E. El culto de Littorio: la sacralización de la política en la Italia fascista. Ciudad de México: Siglo XXI; 2007.
23. Sherif M. The psychology of social norms. New York: Harper; 1936.
24. Asch SE. Studies of independence and conformity: I: a minority of one against a unanimous majority. Psychol Monogr Gen Appl. 1956;70(9):1-70. <https://doi.org/10.1037/h0093718>.
25. Milgram S. Behavioral study of obedience. J Abnorm Soc Psychol. 1963;67(4):371-8. <https://doi.org/10.1037/h0040525>.
26. Newcomb TM The prediction of interpersonal attraction. Am Psychol. 1956;11(11):575-86. <https://doi.org/10.1037/h0046141>.
27. Moscovici S, Mugny G, Pérez JA, editores La influencia social inconsciente: estudios de psicología social experimental. Barcelona: Anthropos; 1991.
28. Canguilhem G. Le normal et le pathologique. Paris: PUF; 1999.
29. Trotsky L. La lucha contra el fascismo. Madrid: Fundación Federico Engels; 2004.
30. Bollas C. The shadow of the object; psychoanalysis of the unthought known. New York: Columbia University Press; 1987.
31. Pavón-Cuéllar D. Normosis y normopatía: patologías de la normalidad en el capitalismo. En lugar de la psicología [Internet], 25 mar 2022 [citado 19 ene. 2024]. Disponible en: <https://sujeto.hypotheses.org/1519>
32. Rojas C. ¡Muera la inteligencia!: ¡Viva la muerte!: Salamanca: 1936. Barcelona: Planeta; 1995.